

Funaro recebe como normal reclassificação da dívida brasileira

por Jurema Baesse
de Brasília

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, recebeu com normalidade a decisão do Fed (banco central americano) de reclassificar a dívida brasileira de longo prazo como "abaixo do padrão", ou seja, incluí-la entre as chamadas dívidas de risco. "É uma decisão absolutamente normal e esperada pelo governo. É uma técnica contábil que tem que ser feita."

O fato de os bancos, em decorrência dessa decisão, terem colocado o débito a receber do Brasil de médio e longo prazo na condição de "não rentável" e passar a registrar em seus livros apenas os pagamentos que forem efetivamente recebidos foi explicado por Funaro, também, como sendo uma "decisão normal".

"Isso tem que ser feito pelos bancos", disse. "Eles têm que lançar aqueles créditos que não vão receber. Não significa nenhuma retaliação." O ministro acrescentou que, "se os bancos não recebem o lucro esperado naquele trimestre, eles são obrigados a demonstrar que naquele período não vão ter o lucro que era esperado".

Ao ser indagado se os bancos não haviam tomado essa decisão antes do prazo legal, isto é, antes de a moratória da dívida brasileira completar um trimestre, Funaro replicou: "Eles fizeram isso neste prazo porque sabem que o processo de negociação da dívida brasileira é um processo que será demorado. É uma questão que não se resolve em uma semana".

No seu entender, os bancos "tomaram suas atitudes sabendo dessa demora". A moratória da dívida, para o ministro, vai durar todo o tempo da negocia-

ção, até que as duas partes cheguem a um acordo.

Já a decisão do Banco de Montreal (canadense) de converter US\$ 100 milhões de seus créditos de longo prazo com o Brasil em investimentos, para Funaro, "é uma forma de demonstrar, mais uma vez, que há várias decisões alternativas para resolver o problema da dívida".

Pela sua avaliação, "o Banco de Montreal deu um passo à frente, mostrou que tem muito interesse em investir no País, e que isso pode ser feito na forma de conversão de débito".

Funaro informou que o presidente da instituição, William Mulholland, conversou com ele sobre essa decisão e mostrou que "essa alternativa é mais um caminho a ser procurado, tanto pelo Brasil quanto pelos seus credores".

O ministro assegurou que o banco canadense não está impondo nenhuma condicionalidade para fazer essa transformação.

Com relação à capitalização de juros, anunciada no Congresso, Funaro acentuou que "os bancos europeus acham que a capitalização é um caminho para a dívida, e que os países devedores não estão pedindo dinheiro novo, o que eles querem é o reescalonamento de parte dos juros".

A situação recente do País, disse ele, "quando nos últimos dois anos pagou US\$ 24 bilhões de juros e recebeu de refinanciamento apenas US\$ 2 bilhões", não é de modo algum uma situação de capitalização de juros ou de obtenção de dinheiro novo. O ministro Funaro viaja nesta segunda-feira à noite para os Estados Unidos, onde participará da reunião anual do comitê interino do FMI. Só voltará ao Brasil no sábado, dia 11 de abril.